

ASPECTOS DO PARALELISMO NOMINAL ÉPICO-ÁTICO

Osvaldo Arns.

A freqüência do supletivismo e da concorrência formal ática é algo surpreendente, sugerindo lineamentos vocabulares ou linhagens flexivas de vida morfológica e imposição prática em conflito de sobrevivência; conflito este, em que, não raro, os contendores permanecem ilesos; vêzes outras, sucumbe uma parte, quando não se opera uma conciliação, de que resulta um aproveitamento, mais ou menos, equitativo dos valores em litígio. Ora colidem raízes de formação afim, ora temas, quando não se alinham, em cadeia de uso preferencial, elementos estranhos entre si, logrando domínio pleno e justificando a sua posição privilegiada, consagrada pela tradição, que os adota por razões, em geral complexas, que implicam na vida fonética e histórico-social do nome. Contrariamente, ainda sucede que formas já falecidas sejam exumadas, buscadas em seu túmulo, revitalizadas, e redivivas transportem cargas semânticas, sobretudo estilísticas, de peso e efeito peregrinos, repasto sôfregamente apetecido pelos poetas.

A singularidade do fenômeno grego deve, em parte, ser buscada na cisão dialetal, quando não nas interferências dialetais ulteriores, envolvendo-se, preliminarmente, a questão no fato histórico do próprio dialeto, senão nos ciclos da vida literária do pensamento grego que, nos seus albores, criou um lastro épico de intensidade e interesse tais que fascinou gerações e cimentou mesmo a própria unidade étnica orginária. A exuberância do berço cultural jônico, na Ásia, por seu fascínio formal e ideal, cercou o mundo literário grego dos séculos subseqüentes de tal respeito e enlevo, quiçá de unção, que mereceu ser o objeto de novas rearticulações literárias, dando vida a tradições e sôpro fe-

cundo a novas obras. A extensão e a intensidade dos reflexos emanados desta era sobre o gigante literário, então mal desperto alhures, mas estuante de disposições dinâmicas, transmontam similitudes, no plano comparativo. Para forrar comprobatoriamente tal asserto, no campo ideal, bastaria a invocação dos refluxos épicos traduzidos pelas preferências e predileções do ciclo ático por esta seara, que atenderia ao engenho grego, mesmo no plano da criação de novas estruturações genéricas, como seja a trágica. O entrelaçamento e a urdidura ideais de dois ciclos supervenientes, assinalados pela comunidade de simpatias e perfeita adequação duma escala estética, encaminhados, contudo, para um tratamento genérico distinto, refletem-se nitidamente na avaliação correlativa dos gêneros, épico e trágico, proposta por Platão:

...καὶ τῶν ποιητῶν οἱ ἄκσοι τῆς ποιήσεως ἐκατέρας, κωμῳδίας μὲν Ἐπίχαρμος, τραγῳδίας δὲ Ὀμηρος, ... (Teeteto, 152, e, 4).

Ora, o domínio soberano do monumento homérico a reverberar, sem intermissão, durante várias centúrias, centelhas do seu ardor épico revestidas de apreciáveis lições métricas, impunha a consequência dum interligamento dialetal inegável, particularmente violento no ático, por força dum primitivo condomínio territorial e, consequentemente, do mais acentuado parentesco dialetal, se bem que um tanto afrouxado pela prioridade cultural jônica.

O supletivismo é, em parte, uma consequência do dilúvio de formas flutuantes arribando ou submergindo, ao sabor de suas propriedades de resistência. O drama do dialeto eólio vivido no ciclo jônico antigo esboça-se alhures, posto que com crise menos aguda.

Doutro lado, o supletivismo é o efeito dum processo de concorrência formal que, por si só, denuncia, não raro, um depauperamento através do desperdício parcial dum tipo, cujos destroços se incorporam ao tipo paralelo, por isso mesmo também empobrecido.

O fenômeno da concorrência revela um quadro de aspectos variegados, dentre os quais abordaremos o atinente à ascendência épico-homérica.

Conforme o exposto, os influxos exercidos pela literatura homérica, no plano do estabelecimento de normas morfológicas, se fizeram sentir, pôsto que na prosa caducassem as justificativas determinantes de certos tipos indispensáveis, ou pelo menos preponderantemente úteis ao hexâmetro. Daí decorre, verbi gratia, a ausência, na epopéia homérica, de formas, como *μητέων*, *νίέων*, inaproveitáveis e irrecorribelmente inadaptáveis, em face do absolutismo métrico.

Entretanto, não só houve banimento de formas, como ainda ocorreram adaptações, estabelecendo-se, por vezes, autêntica babilônia morfológica, que faz duma gramática homérica o mais exótico e bizarro mostruário morfológico. Nem tudo, porém, constituiu dote destinado ao ático.

Se justapusermos dois adjetivos temáticos, no grau comparativo, tais como *ἐνδοξότερος* e *σοφώτερος*, onde vislumbraremos a justificação do tratamento distinto. Tudo nos induz a admitir uma subordinação a uma exigência métrica, porquanto vazio de sentido e carente de expressão seria, fonética e morfológicamente o fenômeno. Ora, no hexâmetro tanto ο - ο, como ο ο ο, eram combinações inúteis, razão que leva a Homero a socorrer-se de formas do tipo *κακώτερος* (Od. 6, 275), observando-se que, na contingência de quatro sílabas breves consecutivas, a segunda era alongada. Paralelamente, em situação métricamente menos constrangedora, Homero recorre, mesmo assim, a *οἰξυρώτερος* (Il. 17, 446). Se, doutro lado, Michel Lejeune pondera "... la langue, à un stade ancien de son développement, avait tendu à éviter de telles séquences",¹ nós deduzimos do asserto um ato consciente, em dependência duma verificação quantitativa, numéricamente determinada. Indagamos, então, qual o objetivo desse ato consciente, quando não entrevemos senão aquêle da serventia métrica, quando não cabe o de ordem morfológica ou fonética.

Enquanto algumas formações primárias constituíram, em Homero, o comparativo sobre raízes, o que sucede, preferencialmente, com adjetivos atemáticos, como justificar o exclusivismo em torno de *φίλτερος* a formar, em dura luta, já não digo com

1. *Traité de Phonétique Grecque*, pg. 190, 19.

a analogia, e sim contra o próprio tipo, que estabelece a formação comparativa sobre temas? Não seria a formação preferencial *φίλτερος*, comum em Homero, como em 1,162, e preferencial no ático, igualmente uma conjuntura de adequação ao esquema métrico, avésso à combinação u u u.

Formas existem, primitiva e tradicionalmente, incorporadas à morfologia épica, e não raro pertinentes, no dizer de Chantraine: "au fond le plus ancien du dialecte épique",¹ as quais, no entanto, têm ocorrência no dialeto ático. Ora, na fonética ática o η- diante de vogal longa -ω- se abrevia, como no caso ἔως < * ἄ Fως, revelando-se o recuo do acento como típico, como sinete individual do término ático, quiçá efeito da analogia ou da vacilação em face da linhagem morfológica, por força de dupla atração, a dos nomes oxítonos do tipo αἰδώς, ἰδρώς, χρώς, bem como daqueles do tipo γέλως fornecendo também um acusativo γέλων (aliás também registrado no épico, como em σ, 350) e de ἔρως. O nome em questão alinhou-se entre aqueles da assim chamada declinação ática; entretanto, no acusativo, ainda assim, transparece a vacilação do seu tratamento morfológico, reflexo da dupla analogia, quando o nome passa a sofrer a contração típica dos nomes atemáticos *ἄFωσ > ἔω, ainda que filiado ao grupo temático.

Embora fosse este o tratamento tipicamente ático, a forma ligada por Chantraine ao repositório mais antigo do dialeto épico, tem ocorrência em Platão que, evidentemente, quis saboreá-la e lançá-la com propósitos estilísticos, e por isso mesmo não eliminou a valorização de certos tipos épicos, antes evidenciou a sua vitalidade, simpatia e aceitação, por vezes preferência, segundo as circunstâncias.

Ora, em Hípias Menor, 371, b, Sócrates lembra a seu interlocutor a incongruência de Odisseu, ao declarar a sua desistência da viagem marítima após ter expresso a sua intenção de partir “ἄμα τῇ ἥποι”. O jônismo antigo empresta o efeito valioso correspondente ao discurso direto, que o requintado estilista não sacrificou.

Entretanto, é de salientar-se que não foi apenas nestas con-

1. Grammaire Homérique, tome I, 68, 7.

dições que o acadêmico utilizou a forma, o que se infere do seu uso em Definições, 411, onde ocorre “ἀπ' ἡρῷς μέχοι δεῖλης.

Não obstante, não se negue que, efetivamente, a forma concorrente teve larga preferência entre os autores áticos, entre os quais o próprio Platão a emprega, como em “Leis, 807, d: ἐξ εω μέχοι τῆς ἑτέρας ἔω.

A indigitação de tal fato aponta, por sua vez, para a extensão do entrelaçamento espontâneo e para a mobilidade das fronteiras dialetais e pode ser devidamente valorizado, quando se pondera o juízo dos críticos classificando a língua platônica como puro ático, “l'attique de la prose, auquel se mêlent avec grâce des expressions d'un tour poétique”¹. O afinado ouvido platônico, o apurado gôsto e o fino tato estético consagram o paralelismo formal em questão.

A propósito dos temas em -i-, como em πόλις a maioria dos dialetos gregos generalizou o vocalismo predesinencial zero, sendo também esta flexão largamente preponderante em Homero. Contudo, o dialeto ático baseia a flexão dêste nome, salvo nos casos diretos do singular, sobre um vocalismo e da predesinencial. Embora Esquilo use a forma πόλεος (Agam. 1167), concorrente duma “variante épica mal atestada”,² o dialeto ático recorre, em regra, à metátese quantitativa, que pressupõe um vocalismo longo predesinencial encontrado no tema épico πολη-, usado treze vezes, sob esta quantidade, no genitivo singular homérico. Enquanto uns atribuem tal tema longo a um primitivo locativo, outros partem do dativo πόληι, sendo, todavia, opinião quase geral que a interpretação do vocalismo longo deve ser buscada no épico. Enquanto, pois, o ático adota a evolução típica *ποληος > πόλεως, o épico conserva também πόληος (n. 185), representando-se a forma πόλεως, registrada nos textos homéricos, em geral, como um aticismo. Assim é que, sob os influxos dêste vocalismo longo, o ático estabelece uma linhagem morfológica bem típica, quando, contrariamente, se teria esboçado ou uma flexão em vocalismo predesinencial zero, quando

1. Humbert Jules et Berguin Henri: Histoire Illustrée de la Littérature Grecque, 261, 22.

2. Chantraine Pierre, Grammaire Homérique, tome I, 217, 8.

não outra paralela ao tipo *πήχεος* que, por atração do fenômeno apontado em *πόλις*, recebeu tratamento analógico.

Aliás, sómente o homérico e o eólio exibem o vocalismo longo, nas condições acima, mesmo nos temas ditongados em -ενς, base dialetal para as evoluções fonéticas tanto da redução quantitativa de vogal diante de outra longa, bem como da metátese quantitativa.

Exemplo peculiar do paralelismo e da concorrência nominais, encontramo-lo na policromia morfológica do nome *víos*, cujo rico afloramento, no dialeto homérico, prefigurou literariamente o fenômeno ático.

Há quem interprete formas arcaicas, épicas, do tipo ὕνς, à base de escansão, quando têm ocorrência, em Homero, ainda o tema em grau zero da predesinencial, aliás mais freqüente e, em geral, considerado mais antigo, além daquele em ε, como ainda o tipo de formação temática *víος* resultado, quiçá, dum processo dissimilatório, ou analógico sobre o genitivo plural *víων*. Trata-se, aliás, de três encaminhamentos morfológicos nascidos das próprias condições dos nomes em -νς que, ou se filiam à linhagem do tipo *ἰχθῦς*, ou àquela do tipo *ἥδυς*, estimulando este último facilmente o fenômeno da dissimilação, alinhando o nome, finalmente, entre os temáticos a predominar, pela freqüência em ambos os dialetos, quando, ao contrário, o tipo em -νς não fornece exemplo algum de vocativo singular.

Paralelamente, o ático registra nítido predomínio do tipo em predesinencial grau e sobre a flexão defectiva do concorrente em grau zero, situação oposta àquela verificada no quadro homérico. E' de notar-se, todavia que, no dativo plural, o ático registra *víeos* e *véos*, formas analógicas de *víewν*, opostas ao homérico *víous*. E' que o primeiro dialeto consagrou a sua preferência pelo tipo de predesinencial ε, enquanto o segundo adotou exclusivamente a desinência vocalizada, por extensão do tipo *πατράοις*.

Se, entretanto, formas como *vía* e *vīęs* resistiram, em inscrições áticas do terceiro e segundo séculos, ameaçadas pela preferência límpida ε, já há muito, crescente dos tipos concorrentes, momente da formação temática ὕος, tal se atribua, em parte, à sua memorável tradição e consagração épica.

O fenômeno do paralelismo nominal atinge seu ápice, sobre tudo no plano interdialetal grego, todavia também nas correspondências épico-áticas, no nome *Zευς*. Autênticos fluxos e refluxos, operações analógicas em profusão a proclamar a inconsciência e a expontaneidade do fenômeno da criação lingüística. A dualidade temática primitiva transformou-se em vertiginoso nascedouro morfológico, cabendo a parturição formal, em quase toda a extensão, ao elemento analógico, como aduzímos. Exponhamos, em quadro sinótico, a cadeia pluriformal:

Nominativo: *Zεύς, Zῆν, Ζάς, Ζάν, Ζῆς*, (plur. em Plut. *Διες*).

Vocativo: *Zεῦ, Zῆν.*

Acusativo: *Δία, Ζῆν, Ζῆνα, Ζᾶνα,¹ Ζάντα², Ζεῦν.³*

Genitivo: *Διός, Ζηνός, Ζανός.⁴*

Dativo: *Δι, Ζηνί, Δι.*

A par da visão interdialetal acima exposta, observemos quão interessante se apresenta a inversão dos movimentos de adoção nos dialetos em estudo. No ático, fixamos o predomínio da flexão *Zεύς* <* *dyēus*, agindo o genitivo *Διός* <* *Diwos* e o dativo *Δι* <* *Diwi* analógicamente sobre a formação do acusativo *Δία*, enquanto, secundariamente, se constituiu, nesse dialeto, novo tipo, à base dum nominativo *Zῆν*, oriundo, por sua vez, das formações *Ζηνός, Ζηνί* e *Ζῆνα* extensão dum primitivo acusativo homérico *Zῆν*.

Entrementes, a forma primitiva do acusativo épico *Zῆν*, com base no vocalismo longo, se impôs, primariamente, no dialeto homérico, estendendo-se as suas características ao genitivo e dativo. Chantraine é incisivo: “*Cette forme archaïque est proprement homérique...*”⁵, podendo deduzir-se semelhante posição de Eduard Schwyzer da interpretação de “*Att. Δία (wie ai. dívam) schon bei Homer (Ilmal) fuer Zῆν...*”⁶. Teríamos, pois, apenas secundariamente, a adoção de *Δία*, no dialeto homérico. Se perquirirmos, para efeito duma investigação estatística, po-

1. Schwyzer Eduard, Griechische Grammatik, erster Band, 577.

2. Schwyzer Eduard, ibidem.

3. Bailly A., Dictionnaire Grec-Français.

4. Chantraine P., Morphologie Historique du Grec, 99.

5. Chantraine P., Grammaire Homérique, 227.

6. Eduard Schwyzer, Griechische Grammatik, erster Band, 576.

exemplo, *Ixétiδες* de Ésquilo, tragédia, em que o pai dos deuses não poderia deixar de ser lembrado amiúde, pois *Δαι τοι γένος εὐχόμεν' εἶναι* (336), deparamos, a par de treze vêzes com o genitivo *Διός*, nada menos de oito vêzes com *Zηνός* três com *Zῆνα*, não havendo vestígios de *Δία*, enquanto a forma *Zήν* é registrada por duas vêzes.

Se, entretanto, atentarmos na causalidade, depreendemos do aproveitamento da forma de sabor épico uma postura estilística, uma potencialidade expressiva, se bem que, por vêzes, caiba a interpretação duma simples conveniência métrica.

A forma *Zήν*, em *'A Zήν, Ioūς, iώ* (162), analisada sob o ponto de vista da sonoridade funcional, em atenção, pois, ao meio sonoro, reflete a sensibilidade acústica consumada do autor. A exclamação em aprêço, denunciadora de sarcasmo, não admitiria, além do híato, o efeito assonântico, quase balouçante, provocado pela curva sonora do tríplice agrupamento de vogais anteriores e posteriores. O efeito possivelmente revelador de meiguice foi evitado pela forma empregada *Zήν*, que enrijece e endurece a exclamação, que retorna em 176, nas mesmas condições. *'A* traduz interjectivamente ora dor, ora indignação e associa-se a *Zήν*, termo raro, tão raro quão vetusto, diria exumado em atenção ao momento agudíssimo de expressividade, a serviço, pois, dos propósitos estilísticos do autor.

O paralelismo nominal passa a constituir-se em fonte de recursos expressivos hábilmente aproveitados por Ésquilo.

Se, entretanto, não deparamos, em *'Επτὰ ἐπὶ Θήβας*, com *Zηνός*, porém freqüentemente com *Διός*, em oposição flagrante à ocorrência quase equilibrada na tragédia anterior, absurdo seria buscar a justificação na conveniência métrica, razoável, contudo, na valorização estilística. Ora, o nome *Zήν* e derivados ocorrem treze vêzes em *'Ixétiδες*, porém são proferidos doze vêzes da parte do séquito de Dánao, uma apenas pelo rei, em 478. Apreciáveis vêzes, a reverênciça e a piedade se socorem do epíteto "Suplicante", quando então *Zηνός* e *Zῆνα* merecem a preferência do autor, como em *Zηνός 'Ixεσίου* (360), *Zηνός 'Ixταίον* (385), *Zηνός 'Ixτῆρος* (478), *'Ixεσίου Ζηνός* (616), situação paralela à de *Zηνός ίκτορας* (653) e de *Zῆνα μέγαν σεβόντων* (671).

Analizando, todavia, o aludido nome em **Oγνίθες* de Aristófanes, em que ocorre aproximadamente noventa vezes, não deparamos senão uma única vez com a forma de ascendência homérica Ζηνός (1740), sendo mui freqüente Διός. Inegávelmente, o autor colima um efeito expressivo. E' que o côro relembra o brilho das núpcias celebradas outrora, da parte de Zeus e de Hera, brilho este transferido agora para as presentes núpcias de Pisétero e Basileia. O nome do primitivo detentor do mando, em forma de Ζηνός, de sabor arcaico e predominantemente épico, gera um efeito peculiar.

Záv, em 570, forma contestada por uma fonte, representa o tipo dórico do nome épico Ζήν, não havendo dúvida de que, em *Βροντάτω νῦν ὁ μέγας Záv*, a forma se reveste de alto poder recreativo.

Observ.: Os textos usados são da “Collection des Universités de France, publiée sous le patronage de l’Association Guillaume Budé”.

(continua)